

MULHERES NO CONTEXTO PANDÊMICO: TRABALHOS RELACIONADOS AO CUIDADO, DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E COVID-

19

Nádia Aparecida Magalhães Duarte¹

Resumo

A condição das mulheres nos diversos arranjos societários, experienciados, guarda contornos particulares em função das questões de gênero, onde, o constructo para o ser feminino é forjado a fim de dar conta dos encargos da reprodução social. De modo que, o contexto das mulheres no mundo do trabalho é marcado pela divisão sexual. A pandemia originada pelo novo coronavírus fez com que os trabalhos relacionados ao cuidado recebessem destaque. Objetiva-se discutir teoricamente como os rumos do combate à pandemia indicam e acompanham tendências de alteração nas formas de exploração dos trabalhos de cuidado. Metodologia: materialismo histórico dialético e revisão bibliográfica. Desdobramentos advindos da pandemia convidam refletir sobre a necessidade de coletividade e repensar como se organiza e distribui a responsabilidade pelos trabalhos relacionados ao cuidado. A defesa de alternativas deve atacar elementos estruturais que geram subordinação, violência e sobrecarga para as mulheres, bem como exigir transformações radicais na sociedade.

Palavras-chave

Cuidado; Trabalho; Mulheres; Pandemia; Covid-19.

Recebido em: 07/03/2021
Aprovado em: 22/06/2021

¹ Mestranda em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: nadia.magalhaesduarte@gmail.com

WOMEN IN THE PANDEMIC CONTEXT: STUDIES RELATED TO CARE, SEXUAL DIVISION OF LABOR, AND COVID-19

Abstract

The condition of women in the various societal arrangements, experienced, keeps particular contours due to gender issues, where the construct for the female being is forged in order to account for the burden of social reproduction. So, the context of women in the world of work is marked by sexual division. The pandemic caused by the new coronavirus has made work related to care stand out. The objective is to discuss theoretically how the paths to combat the pandemic indicate and follow trends of change in the forms of exploitation of care work. Methodology: dialectical historical materialism and literature review. Developments arising from the pandemic invite reflection on the need for collectivity and rethink how the responsibility for work related to care is organized and distributed. The defense of alternatives must attack structural elements that generate subordination, violence and overload for women, as well as demanding radical transformations in society.

Keywords

Care; Job; Women; Pandemic; Covid-19.

INTRODUÇÃO

O modo como se dá a organização do trabalho dita diversos aspectos da organização social como um todo. As condições de trabalho para as mulheres, historicamente, se dão em conformidade com o socialmente estabelecido para gênero. Os movimentos feministas cumprem importante papel na luta em prol de melhores condições objetivas e subjetivas para as mulheres, na sociedade. Considerando as formas de trabalho do início da primeira revolução industrial, muitos avanços foram conquistados, pela classe trabalhadora, contudo, todo o progresso alcançado ainda se mostra incipiente, haja vista que não se traduz, necessariamente, em condições equânimes de gênero. A luta travada no mundo trabalho está estritamente ligada com a luta contra o machismo, ao enfrentamento a LGBTfobia, com a luta por educação gratuita de qualidade e socialmente referenciada, com a luta antirracista, com a preservação ambiental, enfim com toda forma de luta que busque por transformação social no sentido de romper com a lógica de opressão engendrada pelo modo de produção capitalista. Cada luta específica possui suas particularidades de tática, pontua-se que todas as formas de luta vinculadas com a perspectiva de construção de outro arranjo social, onde vigore o bem comum, guardam nexos causal entre si e estratégia análoga, assim cada avanço conquistado reflete em ganhos para a sociedade em sua totalidade.

Destacam-se os trabalhos relacionados ao cuidado, que por vezes não são remunerados ou qualificados por meio de ensino formal, tão pouco conceituados como trabalho, ao passo que são reconhecidos na qualidade de realização de um atributo essencial do ser feminino (SAFFIOTI, 2013; FEDERICI, 2017, 2019). Os trabalhos relacionados ao cuidado podem ser entendidos como as formas de trabalho ligadas à reprodução e manutenção da vida humana, conforme as necessidades sociais de cada tempo histórico. À medida do avançar da discussão teórica a conceituação para trabalhos relacionados ao cuidado ganhará contornos mais delineados.

Soma-se, ao exposto, o fato da humanidade passar por um dos períodos históricos mais emblemáticos desde o início dos anos dois mil, onde há grande conturbação social, isso se dá, em principal, pela experiência de uma pandemia em escala mundial com origem em um vírus com alta taxa de letalidade, o novo coronavírus (SARS-CoV-2), causador da doença Covid-19 (OLIVEIRA; MORAES, 2020). A conjuntura que se expressou no primeiro ano da pandemia fez com que os trabalhos relacionados ao cuidado, usualmente relegados ao apagamento, recebessem destaque por sua relevância social, tendo em vista que esse segmento demonstra ser de grande importância na contenção da curva de contágios, por consequência no combate à pandemia. O movimento do curso da história expressa o que os movimentos feministas fazem há tempos, que é colocar os trabalhos relacionados ao cuidado no centro do debate, resta encontrar valoração conforme a contribuição social prestada.

Toda ordem de impactos sofridos diante do contexto pandêmico são diferenciados, conforme raça, classe e gênero, assim, o simples fato de ser mulher e ter de cumprir determinados papéis atribuídos socialmente ao gênero irá intensificar ainda mais a carga dos desdobramentos da pandemia (ONU, 2020a; 2020b). Uma questão que não pode ser ignorada em um estudo dedicado à condição das mulheres, em sociedade, com olhar para o contexto pandêmico é o fato de como essa situação contribui para ampliar a vulnerabilização de mulheres em relação às violências. Na medida em que a pandemia joga luz sobre as desigualdades são agudizadas as diferenças sociais, haja vista que dificuldade para acessar equipamentos públicos, bem como instituições que compõem a rede de proteção social e até mesmo redes suplementares que configuram proteção alternativa estão prejudicadas devido às restrições de circulação (MARQUES *et al*, 2020), mas isso se reflete de modo mais intensificado na vida das mulheres pertencentes à classe trabalhadora. Em síntese, têm-se que sobrecarga de trabalho e exposição à violência, são exacerbadas pelo isolamento social e indicam desigualdades em função de gênero (ONU, 2020a; 2020b).

A divisão sexual do trabalho concebe uma das formas de estabelecimento das relações de dominação em razão dos papéis atribuídos ao gênero, configura assim, também um aspecto que fomenta violência contra as mulheres. Por divisão sexual do trabalho sabe-se que é uma categoria forjada tanto socialmente quanto historicamente, estabelece determinados tipos de trabalho conforme o sexo, é designado os homens trabalhos da esfera produtiva e para as mulheres trabalhos da esfera reprodutiva (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Considerando o exposto, compete indagar o que a pandemia de Covid-19 e suas implicações apontam a respeito da realidade das mulheres. Bem como compreender as consequências que esse contexto pandêmico pode revelar sobre o *constructo* social em torno do ser feminino, os motivos que relegam as mulheres para os trabalhos relacionados ao cuidado e as violências contidas nesses processos. Por fim, é questionado como o novo coronavírus expõe as contradições existentes, impacta na vida das mulheres e execução dos trabalhos relacionados ao cuidado?

Objetiva-se, de maneira geral, discutir como os rumos do combate à pandemia causada pelo novo coronavírus indicam e acompanham tendências de alteração nas formas de exploração dos trabalhos relacionados ao cuidado, conforme aspectos de gênero. De maneira específica, estabelecer discussão teórica acerca da problemática dos trabalhos relacionados ao cuidado, na contemporaneidade.

Para alcance dos objetivos estabelecidos procedeu-se à revisão e análise bibliográfica sobre a temática de interesse. A metodologia utilizada é composta pelo uso de dois referenciais: o materialismo histórico dialético e a revisão de bibliografia selecionada. O materialismo histórico é o método de apoio para construção de toda a argumentação desta pesquisa, bem como para análise da categoria mulher, e fenômenos centrais para o entendimento da posição das mulheres na sociedade. Acredita-se que o método materialista histórico dialético, constitui-se como o mais pertinente para organização do pensamento e reflexão sobre as problemáticas sociais, econômicas e políticas, sendo possível, por meio desse, alcançar apreensão do movimento real da história. A revisão

bibliográfica consiste na seleção de escritos dedicados em compreender a situação das mulheres na sociedade, com destaque para o campo do trabalho relacionados ao cuidado que se constitui a partir da força de trabalho feminina de modo preponderante. O presente estudo se desenvolveu teoricamente no sentido de apreender o movimento e tendências pertinentes à problemática proposta, isso se deu de maneira amplificada e foram utilizados níveis de abstração, para tanto.

É considerado fortuito estabelecer diálogo entre as construções sociais, o modo de produção e as contradições do sistema capitalista. Assim, o presente estudo demonstra ser expressivo academicamente ao contribuir em fomentar a elaboração e revisão de sínteses acerca da problemática das mulheres na sociedade. Ainda demonstra-se de extrema relevância social uma vez que fornece elementos para subsidiar práticas feministas e leituras de mundo.

TRABALHOS RELACIONADOS AO CUIDADO E PANDEMIA POR COVID-19: AS MULHERES COMO FICAM?

Divisão sexual do trabalho: episteme e dilemas

A divisão sexual do trabalho foi um conceito forjado no interior do movimento feminista e incorporado pela academia para formulação de teorias, consolidando-se como uma importante categoria analítica (NEVES, 2013; NOGUEIRA, 2010; SOUSA; GUEDES, 2016). Assim se expressa em torno do tema um histórico impulsionado pelo feminismo trazendo em sua gênese força subversiva. Com o decorrer dos anos e ao passo que foram derivando diversas e divergentes construções teóricas sua aplicabilidade ganhou contornos múltiplos. Desse modo, a questão da divisão sexual do trabalho possui vasta literatura, em alguns momentos tratada como conceito e em outros como categoria (NEVES, 2013; NOGUEIRA, 2010; SOUSA; GUEDES, 2016). A discussão teórica, deste estudo, será pautada pela perspectiva crítica da divisão sexual do trabalho que é estabelecida enquanto categoria analítica. Isso posto, identifica-se que o uso dessa categoria possui grande capacidade explicativa para condição das mulheres em sociedade, segundo os termos de Saffioti (2013). Assim, justifica-

se o uso para abordar questões pertinentes aos trabalhos relacionados ao cuidado.

A configuração da divisão sexual do trabalho, em investigações científicas, recebeu intenso interesse por parte da sociologia francesa, que incorporou à análise categorias correlatas e complementares, a exemplo relações sociais de sexo. Isso se deu de modo inicial ao longo dos anos de 1970, década inclusive em que se estruturou e intensificou o combate à opressão contra as mulheres em âmbito mundial, que resultou em contribuições imprescindíveis para a constituição do feminismo conhecido nos moldes atuais (NEVES, 2013; NOGUEIRA, 2010; SOUSA; GUEDES, 2016). Segue exercendo influência nos rumos de pesquisas que abordam a temática, nos períodos posteriores. Hirata e Kergoat (2007) explicam que dentro de estudos sobre a divisão sexual do trabalho são encontradas abordagens em dois sentidos gerais. O primeiro seria referente a análises voltadas para a constatação de desigualdades entre homens e mulheres, o modo como essas desigualdades se acumulam e somatizam. A segunda perspectiva é composta por análises que versam por identificar a gênese dessas desigualdades.

Uma definição para divisão sexual do trabalho é expressa no trecho a seguir, assim divisão sexual do trabalho seria

[...] a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.599).

As análises orientadas pela divisão sexual do trabalho tendem a se expressar na dicotomia entre o masculino e feminino, em resumo pautadas pelo sexo biológico, de modo a conceber de maneira binária homens e mulheres enquanto categorias centrais de estudo e, assim focar nas implicações sociais da representação desses sexos, bem como em relações heteronormativas. Hirata (2010b) aponta indagações advindas das teorias *queer* no sentido de tensionar quanto à multiplicidade de pertencimentos de gênero, acredita-se que sob essa

ótica também deva ser levado em conta a problemática do trabalho ligada à subjetividade e seus efeitos. Ainda nessa perspectiva é argumentado que ao limitar a linha de análise segundo restrição a duas facetas homem-mulher se “[...] rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a ‘papéis sociais’ sexuados que remetem ao destino natural da espécie” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.599). Compreende-se que existe uma pluralidade de gêneros que não podem ser negadas nas relações de trabalho tendo em vista que recebem exploração pelo capital conforme também as especificidades que carregam, necessitando assim de estudos de maior fôlego sobre o assunto. Todavia, é reforçado que “[...] a masculinização e a feminilização de tarefas são construídas e associadas às representações sociais do masculino e do feminino [...]” (STANCKI, 2003, p.3). Acredita-se que as limitações identificadas para a categoria divisão sexual do trabalho se expressam pela capacidade da categoria em traduzir as limitações expressas no tecido social, assim a categoria ainda encontra validade explicativa para figurar em estudos como este.

A discussão em torno da divisão sexual do trabalho teve um grande salto teórico em termos de qualidade, à medida que ultrapassa o reducionismo biológico da questão homem-mulher, ao mesmo tempo em que é capaz de reconhecer que a questão surge de modo recorrente por expressar contradição existente. Nesse sentido, “[...] possibilita pensar as práticas sociais, a construção das instituições, assim como os valores transmitidos através das gerações, como processos mutáveis, que ocorrem via uma agência humana ativa e dinâmica, embora não determinista [...]” (ARAÚJO, 2000, p.67). Acrescenta-se a essa perspectiva que os padrões estabelecidos para a divisão do trabalho se dão em conformidade com os papéis de sexo e isso se dá “[...] em respeito à lógica da sociedade patriarcal e à necessidade de sua justificativa do que por constatação de uma inevitabilidade biológica” (IASI, 2011, p.124). Para a luta das mulheres em torno da igualdade de gênero isso teve significativas implicações se traduzindo em bandeiras feministas. De posse de aparato teórico que sustentava a desnaturalização da condição de subordinação das mulheres, localizando sua origem em processos ocasionados nas e pelas práticas sociais, conforme contextos determinados, muitas mulheres encamparam batalhas importantes

para romper com elementos condicionantes de gênero, para tanto “o gênero enfatiza o aspecto relacional das definições normativas de feminidade” (BENOIT, 2000, p.77). Gênero configura um conceito que não pode se restringir em si, carecendo sempre de estabelecer relações, assim “gênero é relacional e, nesse sentido, um gênero só existe em relação com o outro” (ARAÚJO, 2000, p. 68). Desse modo, não se pode desvincular de estudo focado em determinado gênero a interação com os demais. Por meio das construções de gênero é que são estabelecidos os papéis de sexo, papéis esses que apesar dos avanços teóricos ainda se pautam em práticas de interações no binômio masculino-feminino espelhados no sexo biológico.

No transcorrer do tempo, as formas como se dá divisão sexual do trabalho e seu efeito mais conhecido que é a imputação às mulheres execução dos trabalhos relacionados ao cuidado não encontraram passividade, pelo contrário. A conduta feminina sempre se expressou de forma transgressora resultando em lutas contestatórias da lógica de opressão, visando sua subversão. Configuraram historicamente como pautas das mulheres a sobrevivência, saúde, práticas sexuais e direitos reprodutivos, moradia, trabalho, educação, combate à violência e, por isso mesmo, foram historicamente acossadas tendo como período mais crítico a “caça às bruxas”. Perseguições nos moldes “caça às bruxas” ainda se perpetuam se metamorfoseando em repressões mais sutis mas com letalidade similar, ou até mesmo evocando concepções e nomenclaturas da idade média para perseguição de mulheres (FEDERICI, 2017; 2019b).

Ainda dentro dos elementos que compõe a divisão sexual do trabalho existem diferenciações como o trabalho não remunerado e remunerado, escolaridade, raça e etnia, questões etárias e isso faz com que os impactos na vida das mulheres, dentro da mesma classe e para o mesmo fenômeno, ocorra de maneiras distintas implicando em níveis de afetação em graus desiguais (BIROLI, 2016). Biroli (2016) defende que a divisão sexual do trabalho seria responsável por produzir o gênero, alerta que isso se daria de modo correlato com classe e raça. Ainda segundo essa autora o gênero não se origina de maneira isolada exigindo “[...] outras variáveis que, em um dado contexto, são

relevantes no posicionamento e identificação das pessoas” (BIROLI, 2016, p.732). Ao proceder análises pautadas por categorias sociais se caminha em via estreita, em que uma borda está diferenciar e na outra hierarquizar categorias, o exercício de hierarquização tende a prejudicar a interação das mesmas, ao passo que muitas dessas categorias são indissociáveis.

O entendimento do arranjo que gera a divisão sexual do trabalho pode ser transposto em luta para que sejam atingidas formas mais justas para essa divisão e para o trabalho. Faz-se imprescindível que “[...] na luta por uma divisão sexual do trabalho com mais igualdade esteja presente não só o combate da opressão masculina sobre a feminina, mas também, o objetivo da superação da relação capital/trabalho” (NOGUEIRA, 2010, p.61). Os ganhos dentro do arranjo social capitalista são limitados, pois está na gênese desse sistema impossibilitar o alcance de elevação objetiva e subjetiva para as mulheres. Não obstante, “[...] a inserção acentuada da força de trabalho feminina se dá não pelo interesse do capital na emancipação da mulher, mas pela lógica de uma maior acumulação de valor” (NOGUEIRA, p.61, 2010).

Hirata e Kergoat (2007) alertam que abordar a questão da divisão sexual do trabalho deveria ocorrer de modo que oportunize ir além da constatação de desigualdades. Por esse ângulo, temos que, ao desenvolver essa categoria analítica deve-se buscar elucidar suas determinações e alcançar descrição do movimento real, isso ao cabo de não deixar de observar as assimetrias que provoca. Nesse sentido, compete demonstrar que tais desigualdades são próprias do sistema econômico que se estrutura pelo modo de produção capitalista. Ainda “articular essa descrição do real como uma reflexão sobre os processos mediante os quais a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades, e portanto os sexos, em suma, para criar um sistema de gênero” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.596). A divisão sexual do trabalho se expressa enquanto uma variável específica, mesmo não sendo independente, que se faz determinante para facilitar o entendimento do modo como se dá a organização das hierarquias de gênero (BIROLI, 2016).

É encontrado em Kergoat (2009), que a divisão sexual do trabalho se expressa como resultado das relações sociais de sexo, desse modo, não é possível ser caracterizada como algo rígido e tão pouco imutável. Segundo argumentos da autora, por meio de uma reflexão dialética, pautada no sentido de rupturas, permanências e superações, suas modalidades variam no tempo e no espaço, mesmo que seus princípios estruturais permaneçam os mesmos. Assim se configura como “[...] um fenômeno histórico, pois se metamorfoseia de acordo com a sociedade da qual faz parte” (NOGUEIRA, 2010, p.59). Acrescenta-se que os lastros da divisão sexual do trabalho se encontram na materialidade das relações de produção e reprodução, essas relações também são passíveis de modificação conforme a configuração social de cada época. Assim, tem-se que mesmo quando superada a organização social edificada no modo de produção capitalista elementos da divisão sexual do trabalho estarão presentes nos outros arranjos societários, a questão central é o modo como essa divisão se dará.

Mulheres na sociedade e trabalhos relacionados ao cuidado

Já em primeiro momento, deste tópico, se faz necessário explicitar o que seriam os trabalhos relacionados ao cuidado, o uso no artigo se dá de modo ampliado compreendendo trabalho profissional qualificado, precarizado, doméstico, remunerado e não remunerado. De modo exemplificado temos os afazeres domésticos, área da saúde, setor alimentício, englobando, assim, toda a sorte de atividades elementares para manutenção e reprodução da vida humana, na modernidade. Tamanha abrangência se dá no intuito de abarcar presença maciça de contingente feminino e, assim, avançar na compreensão da presença das mulheres no mundo do trabalho. É importante observar como a exploração capital-trabalho se encontra presente nesse campo. Os trabalhos relacionados ao cuidado ainda são sustentados como ofícios considerados redutos femininos por excelência, nos termos de Bruschini e Lombardi (2002) ‘guetos ocupacionais femininos’. Um efeito da divisão sexual do trabalho se dá na imposição “[...] a determinadas ocupações enquanto bloqueiam ou dificultam o acesso a outras” (BIROLI, 2016, p.737).

Uma definição para o que seriam os trabalhos relacionados ao cuidado pode ser expressa como “[...] o tipo de relação social que se dá, tendo como objeto outra pessoa” (HIRATA, 2012, p.286). Nesse sentido, a autora exemplifica que o simples ato de descascar batata pode ser enquadrado como trabalho de cuidado, notório que o exemplo citado é uma expressão indireta, mas que carrega a intencionalidade de preservação de outro ser. É importante estudar o que é trabalho de cuidado remunerado, quando se profissionaliza, e o que é a relação social de cuidado à medida que se distanciam e se misturam. Esses tipos de trabalho possuem por característica estabelecer vínculo próximo “o amor, o afeto, as emoções não parecem ser do domínio exclusivo das famílias, assim como o cuidado, o fazer, a técnica não parecem ser do domínio exclusivo das ‘cuidadoras’, das ‘acompanhantes’, das ‘auxiliares’ remuneradas” (HIRATA, 2012, p.284). Nesse sentido, conforme a autora, pode-se inferir que a complexidade dos trabalhos de cuidado impele que essas dimensões se entrecruzem, não sendo possível limitar, mesmo que seja, por meio de esquema racional o que de domínio afetivo familiar e o que da técnica da profissional de cuidado. Assim se esbarra em fatores psicológicos, da dominação das relações monetizadas e de vínculo profissional, com a dimensão da afetividade.

A individualização que se dá por meio da imputação ao caráter privado de uma série de tarefas relacionadas ao cuidado tem como efeito empobrecimento da classe trabalhadora, ao ter de arcar com despesas outrora a cargo de provimento pelo Estado, ou ainda que deveriam ser mas nunca o foram. Se expressa contradição elementar no sucateamento e ou insuficiência dos serviços públicos do Estado, tendo em vista as necessidades imediatas vinculadas a subsistência de boa parcela da classe trabalhadora, no entanto isso atende à lógica neoliberal. A localização da execução dos trabalhos relacionados ao cuidado tem sido impulsionada para o mercado, mas isso se dá sem dispensar a responsabilização das famílias individuais. As parcas políticas públicas, existentes, se limitam em contemplar condições de vulnerabilidade extremadas, para esses casos o Estado provê subsídio para algumas das tarefas de cuidados (MARCONDES, 2012).

No escopo do trabalho doméstico existe a questão da contratação de profissionais para sua execução, o contexto pandêmico suscitou debate a respeito da taxação enquanto essencial ou não da essencialidade na prestação desses serviços (OLIVEIRA; ANDRADE, 2020). Também desponta a atuação das profissionais que atuam nos diversos segmentos da saúde e da assistência, é necessário destacar que no campo da saúde as mulheres ocupam, de modo ampliado, as profissões que possuem menor valor social. Estudo desenvolvido pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2020a), expresso no relatório “Mulheres no centro da luta contra a crise Covid-19”, evidencia que cerca de 70% do total da força de trabalho envolvida na atuação direta no combate ao novo coronavírus, mundo afora, é composta por mulheres.

No que compete ao Brasil, quando se pensa em trabalhos relacionados ao cuidado usualmente é dado destaque para os trabalhos domésticos. Segundo os dados do Dieese (2020a), em 2018 haviam 6,23 milhões de empregos domésticos no Brasil, sendo 92% desses empregos ocupados por mulheres e destas 65% mulheres negras. Apenas no primeiro trimestre de 2020 foram 385 mil postos de trabalho domésticos fechados (DIEESE, 2020b). “A crise causada pela pandemia da covid-19 exacerbou as relações de desigualdade existentes no país e o emprego doméstico foi afetado diretamente. Isso ocorre tanto pelas características da ocupação quanto pela forma como o vírus atinge as relações de cuidados e afazeres domésticos no país (DIEESE, p.21, 2020a). Pondera-se que já estavam postos elementos suficientes para configurar uma nova crise de ordem sistêmica do capital, somado a este cenário, o contexto pandêmico vem contribuindo para agudizar e não por gerar crise (FRESU, 2020).

Adentrando mais nas dinâmicas de vida e trabalho das mulheres, no contexto de pandemia, chega-se a saber “que 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém na pandemia, no caso das mulheres rurais esse percentual alcança 62% [...]” (Gⁿ; SOF, p.11, 2020). Ainda, “41% das mulheres que seguiram trabalhando durante a pandemia com manutenção de salários afirmaram trabalhar mais na quarentena” (Gⁿ; SOF, p.13, 2020). No que compete à violência “8,4% das mulheres afirmaram ter sofrido alguma forma de

violência no período de isolamento” (Gⁿ; SOF, p.17, 2020). Foi sinalizada sobrecarga quanto aos trabalhos de doméstico e de cuidado, haja vista que as mulheres que dispunham de algum auxílio seja equipamentos públicos ou rede de apoio tiveram redução desse suporte (Gⁿ; SOF, 2020).

A condição das mulheres no mercado de trabalho, mesmo para os trabalhos relacionados ao cuidado, não pode ser caracterizada como homogênea, uma vez que o acesso ao ensino formal, por exemplo, promove distanciamento profissional entre as mulheres dentro dessa gama de trabalhos (HIRATA, 2002; STANCKI, 2003). Isso se dá tanto em termos de valorização social destinada ao trabalho específico quanto a remuneração, chegando até a quantidade de horas despendidas para o exercício do trabalho. Outro aspecto marcante da realidade dos trabalhos de cuidado está na relação com a precariedade “o trabalho precário é majoritariamente feminino” (HIRATA, 2010a, p.3). Os trabalhos enquadrados como femininos podem ser caracterizados pela bipolarização, sendo encontrados em expressões opostas dentro das relações de trabalho, assim se conta com presença feminina em postos de alto escalão hierárquico e postos precarizados, contudo a presença massiva se encontra nos trabalhos socialmente desqualificados (HIRATA; KERGOAT, 2007).

A variedade de atividades que estão contidas dentro da teia formada pelos trabalhos relacionados ao cuidado, em sua rotina, são caracterizadas pelo emprego de pouca densidade tecnológica, destaca-se o trabalho doméstico. Isso não se dá ao acaso “[...] a tecnologia não é independente e exógena à organização do trabalho e às relações sociais. As relações sociais (inclusive as de sexo e gênero) moldam a tecnologia, que é uma cristalização das relações sociais” (HIRATA, 2010a, p.2). O incremento de tecnologia em trabalhos relacionados ao cuidado se dá de forma muito particular, haja vista que existem tecnologias socialmente e materialmente disponíveis e não são aplicadas, mais uma vez enfatizando as condições nas quais são executados os trabalhos domésticos (DAVIS, 2016; FEDERICI, 2019a).

121

Maior participação das mulheres no mercado formal, nos países desenvolvidos, exercendo trabalhos que muitas vezes dependem de qualificações vinculadas à escolaridade impeliu a expansão das atividades relacionadas ao cuidado como prestação de serviços, alçando ao patamar profissional tais atividades. Tarefas como o cuidado de crianças, idosos e que envolvem baixo nível de complexidade na saúde estabeleceram um fluxo migratório internacional crescente, nas últimas décadas (HIRATA, 2010b; FEDERICI, 2019a). O fluxo de migração, induzido pela demanda de força de trabalho para suprir as necessidades dos trabalhos de cuidado, possui caráter interno e externo, “esse fluxo fez com que a migração de mulheres tenha se tornado mais importante que a migração de homens nos últimos dez anos” (HIRATA, 2012, p.287). Impelidas pela necessidade de empregabilidade, muitas mulheres deixam seus locais de origem e são impossibilitadas de exercer, ao mesmo tempo, o ofício e o acompanhando familiar. Para tanto, contam com suporte de outras mulheres, deixando os próprios filhos a cargo de avós, irmãs, cunhadas ou até mesmo da filha mais velha. “A criança cuidada, ao contrário, tem duas mães, a mãe biológica e a ‘babá’” (HIRATA, 2010, p.5). Esses setores ocupacionais têm gerado maiores oportunidades de empregabilidade para as mulheres que estão na periferia do capitalismo. Dois efeitos podem ser captados pela expansão comercial dos trabalhos de cuidado, primeiro é observada a criação de cadeias globais de afeto e de assistência (Hirata, 2010b). Segundo, à medida que o mercado passa a se configurar como um provedor de cuidados por meio da oferta de serviços se estruturam empresas e agências de *home care* (HIRATA, 2016). É identificada grande presença do setor financeiro intermediando essas relações de trabalho.

Os arranjos de trabalho modernos projetam importância em ascensão progressiva aos trabalhos ligados ao cuidado, isso se dá na materialidade das relações, contudo, não se expressa em reconhecimento social. Também é produto das novas relações de trabalho a necessidade de políticas públicas direcionadas para as áreas de cuidado (HIRATA, 2012; MARCONDES, 2012). Na realidade provocada pela pandemia da doença Covid-19 ganha atenção como

os trabalhos relacionados ao cuidado cumprem papel de grande importância no controle da propagação do vírus.

A pergunta latente gira em torno do pensamento “quem cuida de quem cuida?”. A sobrecarga que as mulheres vivenciam através dos séculos se expressa em sofrimento real, que impele a necessidade de mudanças materiais para execução dos trabalhos de cuidado. Compete salientar que a problemática do cuidado não deve estar contida apenas nas relações para com o outro, também deve se estender ao autocuidado (DAVIS, 2017). Cuidar é um trabalho árduo, extenuante e emocionalmente desgastante, considerando o cenário de pandemia isso é intensificado a patamares elevados. As demandas que foram acrescidas à rotina em função da pandemia disputam com as tarefas cotidianas já instituídas, o que ocasiona maior necessidade de dedicação que multiplica as horas despendidas com trabalho. Acompanhando esse movimento as redes de suporte se encontram impossibilitadas pelas limitações impostas em favor do combate à pandemia (FREITAS; ALMEIDA; LOLE, 2020). As relações pessoais e profissionais se revelam com facetas adversas, por vezes isso oportuniza que as funções socialmente atribuídas às mulheres sejam tensionadas.

Os desdobramentos conjunturais reclamam enfaticamente uma nova aceção do lugar dos homens na sustentação da vida reprodutiva, dos laços afetivos e dos trabalhos de cuidado. Os embaraços vivenciados pelas desigualdades, que se fazem presentes na divisão sexual do trabalho e intensificadas em função do contexto pandêmico, contribuem para despertar a percepção que trabalhos socialmente necessários, são incumbências sociais e reclamam por responsabilidades compartilhadas. Compete salientar que “as relações sociais de sexo são dinâmicas e não lineares. Avanços e retrocessos acontecem continuamente, configurando novas relações em antigas tensões” (SOUSA; GUEDES, 2016, p.126). Isso não se dá dissociado aos padrões de produção que vigoram e conservam consonância com conveniências do arranjo de organização societal vigente.

Por meio da argumentação apresentada, neste tópico, é possível constatar que não se dá ao acaso, que em maioria esmagadora a área de atuação

das mulheres fora do lar se deu de forma circunscrita às atividades que anteriormente eram desempenhadas intra lar, encontrando empregabilidade nos trabalhos relacionados ao cuidado. A incorporação de habilidades consideradas como inerentes do ser feminino, pelo mercado de trabalho, como qualificações profissionais, ainda demonstra ser um assunto de relevância para compreensão da sociedade moderna, desvelando indissociabilidade entre essas formas de trabalho e a divisão sexual do trabalho. A inserção de grande quantitativo de mulheres na esfera pública enquanto força de trabalho não exime as mulheres da execução dos trabalhos relacionados ao cuidado no âmbito privado. Nesse sentido, muitas mulheres que dispõem de condições financeiras contratam outras mulheres para executar esses trabalhos, as mulheres que não dispõem de condições para tanto se desdobram para dar conta do trabalho extra e intra lar. A reprodução das conformações capitalistas de produção se dão também na reprodução da divisão sexual do trabalho e se expressam nos trabalhos de cuidado.

SÍNTESES PRELIMINARES

Os desdobramentos advindos da pandemia, provocada pelo novo coronavírus, convidam a refletir sobre a necessidade de coletividade e repensar como se organiza e distribui a responsabilidade pelos trabalhos relacionados ao cuidado. A defesa de alternativas para a problemática deve observar a capacidade de atacar elementos estruturais que geram subordinação, violência e sobrecarga para as mulheres, bem como exigir transformações radicais na sociedade.

Conforme o arcabouço teórico mobilizado e os dados apresentados é possível asseverar que o episódio da pandemia acompanha e reforça a divisão sexual do trabalho. A tendência expressa é de intensificação na exploração dos trabalhos relacionados ao cuidado obtendo carga cada vez maior de trabalho não pago e reforço responsabilização das mulheres possuem para com os trabalhos relacionados ao cuidado, principalmente na circunscrição da esfera doméstica. Esse movimento de intensificação não encontra passividade nas mulheres. Assim, se faz necessário aproveitar do contexto propício para

repensar a divisão sexual do trabalho e as construções sociais que geram gênero, para além de encontrar saídas para as agonias imediatas é preciso avançar em alternativas no sentido de superar o modo de produção capitalista, e assim alcançar condições que permitam criar formas melhores para lidar com as adversidades, sejam elas pandêmicas ou não, e ainda colocar o cuidado como uma tática crucial para toda a sociedade.

Não se faz contraditório abordar a problemática das mulheres associada à questão dos trabalhos relacionados ao cuidado em meio ao contexto pandêmico, tão pouco existe antagonismo em debater a condição das mulheres na sociedade, pois tais questões se fazem da ordem do dia. Acredita-se que esforços neste sentido contribuem para politizar o momento histórico e adensar a compreensão da realidade. A discussão apresentada se interliga completamente com o pensar saídas que preconizam o bem comum, para as crises sanitária, social, econômica e política, vivenciadas. O estudo dos trabalhos relacionados ao cuidado, pautado na teoria crítica, é premente num momento em que transformações contemporâneas exigem tensionamentos advindos de organização social para fazer frente à barbárie capitalista. Se faz importante o exercício de procurar pensar no futuro pós-pandemia, isso implica necessariamente pensar nos trabalhos relacionados ao cuidado e na condição das mulheres na sociedade. Ainda não é possível precisar quais serão os reais impactos e desdobramentos provocados pela passagem da Covid-19. Conforme as informações disponíveis é possível dizer que a repercussão da pandemia sobre a atual organização social será grande.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. Marxismo, Feminismo e o enfoque em gênero. In: *Revista Crítica Marxista*, São Paulo: Boitempo Editorial, n. 11, p.65-70, 2000.

BENOIT, L. Feminismo, gênero e revolução. In: *Revista Crítica Marxista*, São Paulo: Boitempo Editorial, n. 11, p. 76-88, 2000.

BIROLI, F.. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. *Revista de Ciências Sociais*: Rio de Janeiro, v.59, n.3, p.681 a 719, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52582016000300719&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 04 de jun de 2020.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.17, p.157-196, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332002000100007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 17 de jun de 2020.

CISNE, M. *Feminismo e Consciência de Classe no Brasil*. São Paulo: Cortez Editora, ed. 1, p.276, 2016.

DAVIS, A. Obsolescência das tarefas domésticas se aproxima: uma perspectiva da classe trabalhadora. In: *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo Editorial, p.225-244, 2016.

DAVIS, A. Doentes e cansadas de estarmos doentes e cansadas: a política de saúde para as mulheres negras. In: *Mulheres, Cultura e Política*. São Paulo: Boitempo Editorial, p.53-62, 2017.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, DIEESE. *Quem cuida das cuidadoras: trabalho doméstico remunerado em tempos de coronavírus*. Estudos e pesquisas, n.96, p.31, 2020. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2020/estPesq96covidTrabalhoDomestico.pdf>>. Acesso em: 15 de mai de 2021.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, DIEESE. *Boletim emprego em pauta: Pandemia afeta principalmente trabalhadores mais precarizados*. n. 16, p.5, 2020. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2020/boletimEmpregoEmPauta16.html>>. Acesso em: 15 de mai de 2021.

FEDERICI, S. *Calibã e Bruxa*. Tradução Coletivo SYCORAX. São Paulo: Editora Elefante, ed. 1, p. 464, 2017.

FEDERICI, S. *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução Coletivo SYCORAX. São Paulo: Editora Elefante, ed. 1, p. 388, 2019a.

FEDERICI, Silvia. *Mulheres e caça às bruxas*. São Paulo: Boitempo Editorial, p.158, 2019b.

FREITAS, R.; ALMEIDA, C.; LOLE, A. As mulheres e a pandemia da COVID-19 na encruzilhada do cuidado. In: LOLE, Ana; STAMPA, Inez; GOMES, Rodrigo (orgs.). *Para além da quarentena: reflexões sobre a crise e pandemia*. Mórula Editorial, p. 214-225, 2020.

FRESU, G. Entre pandemia e crise orgânica: contradições e narrativas hegemônicas do capitalismo em colapso. In: LOLE, Ana; STAMPA, Inez;

GOMES, Rodrigo (orgs.). *Para além da quarentena: reflexões sobre a crise e pandemia*. Mórula Editorial, p.42-53, 2020.

Gênero e Número(Gⁿ); Sempreviva Organização Feminista(SOF). *SEM PARAR: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia*. Brasil: p.54, 2020. Disponível em: <<http://mulheresnapanemia.sof.org.br/>>. Acesso em: 25 mai de 2021.

GUIRALDELLI, R. Adeus à divisão sexual do trabalho? Desigualdade de gênero na cadeia produtiva da confecção. *Revista Sociedade e Estado*, v.27, n.3, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-69922012000300014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 04 de jun. de 2020.

HIRATA, H. Reorganização da produção e transformações do trabalho: uma nova divisão sexual? In. *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. BRUSCHINI, Cristina; UNDEHAUM, Sandra (orgs.). São Paulo: FCC Editora 34, p.339-355, 2002.

HIRATA, H. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Revista Tecnologia e Sociedade*. v.6, n.11, p.1-7, 2010a.

HIRATA, H. Mundialização, divisão sexual do trabalho e movimentos feministas transnacionais. XI Conferencia Regional Sobre La Mujer de America Latina y el Caribe. Brasília, 13 a 16 de julio de 2010b.

HIRATA, H. O desenvolvimento das políticas de cuidados em uma perspectiva comparada: França, Brasil e Japão. *Revista de Políticas Públicas*, número especial, p.283-290, 2012.

HIRATA, H. O trabalho de cuidado: comparando Brasil, França e Japão. *SUR* 24, v.13, n.24, p.53-64, 2016. Disponível em: <<https://www.sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/5-sur-24-por-helena-hirata.pdf>>. Acesso em: 18 de jun de 2020.

HIRATA, H; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v.37, n.132, p.595-609, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf/%20%20%20%20%20%20%20>>. Acesso em: 11 de jun de 2020.

IASI, Mauro. Trabalho Doméstico e Valor. In *Ensaio Sobre Consciência e Emancipação*. São Paulo: Expressão Popular, ed. 2, p.123-141, 2011.

FRESU, Gianni. Entre pandemia e crise orgânica: contradições e narrativas hegemônicas do capitalismo em colapso. In: LOLE, Ana; STAMPA, Inez; GOMES, Rodrigo (orgs.). *Para além da quarentena: reflexões sobre a crise e pandemia*. Mórula Editorial, p.42-53, 2020.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena (org.) *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009.

MARQUES, E.; MORAES, C.; HASSELMANN, M.; DESLANDES, S.; REICHENHEIM, M. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, vol.36, n.4, p.1-6, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000400505>. Acesso em: 22 de jun. de 2020.

MARCONDES, M. A divisão sexual dos cuidados: do welfare state ao neoliberalismo. *Argumentum*, v.4, n.1, p.91-106, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=475547480008>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

NEVES, M. Anotações sobre trabalho e gênero. *Cadernos de Pesquisa*, v.3, n.149, p.404-421, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-15742013000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 11 de jun de 2020.

NOGUEIRA, C. As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. *Aurora*, v.4, n.6, 2010. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1231>>. Acesso em: 11 de jun de 2020.

OLIVEIRA, A.; ANDRADE, M.. TRABALHO DOMÉSTICO E PANDEMIA: o meio ambiente juslaboral e a possibilidade de acidente do trabalho. *Revista Científica Faculdade Unimed*, v.2, n.1, p. 26-40, 2020. Disponível em: <<https://54.156.103.159/index.php/RCFU1/article/view/95>>. Acesso em: 21 de fev de 2021.

OLIVEIRA, E.; MORAIS, A. COVID-19: uma pandemia que alerta a população. *Interamerican Journal of Medicine and Health*, p. 1-4, 2020. Disponível em: <<https://iajmh.com/iajmh/article/view/80/77>>. Acesso em: 02 de jun de 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, ONU. *Women at the core of the fight against COVID-19 Crisis*. [s.l.] Brief de Políticas da OCDE, p.30, 2020a. Disponível em: <https://read.oecd-ilibrary.org/view/?ref=127_127000-awfnqj8ome&title=Women-at-the-core-of-the-fight-against-COVID-19-crisis>. Acesso: 30 de jun de 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, ONU. *The Impact of COVID-19 on Women*. [s.l.] Policy Brief, p.21, 2020b. Disponível em: <<https://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2020/policy-brief-the-impact-of-covid-19-on-women-en.pdf?la=en&vs=1406>>. Acesso: 30 de jun de 2020.

SAFFIOTI, H. *A Mulher na Sociedade de Classes Mito e Realidade*. São Paulo: Expressão Popular, ed. 3, p.528, 2013.

STANCKI, N. Divisão sexual do trabalho: a sua constante reprodução. Paper apresentado no I Ciclo de Debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia, 2003, PUC-SP. Disponível em: <https://www.pucsp.br/sites/default/files/img/eitt2003_nancistancki.pdf>. Acesso em: 04 de jun de 2020.